

Projetos em Andamento

O Projeto Arqueológico de Xingó, em Sergipe e Alagoas

Cleonice VERGNE*

Durante cinco anos coordenei os trabalhos de campo do Projeto Arqueológico de Xingó (PAX), designada pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe, na qual estou lotada como arqueóloga concursada. Nesse Projeto, se pretendia salvar o maior número possível de informações antes do enchimento do reservatório da Hidrelétrica de Xingó, numa área arqueologicamente desconhecida até então. Na formulação dos procedimentos a serem aplicados e na fiscalização dos trabalhos, estava previsto o acompanhamento técnico-científico de pesquisadores da Fundação do Museu do Homem Americano (FUMDHAM). O pessoal técnico da FUMDHAM participou, efetivamente, nos trabalhos de campo, colaborando com a sua experiência de duas décadas, no bom andamento dos trabalhos. Para as análises do material coletado, estava previsto, também, além da equipe científica da FUMDHAM, a participação de pesquisadores do Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco.

Nesses anos, realizamos prospecções em grandes áreas em ambas as margens do rio São Francisco, entre os Estados de Sergipe e Alagoas, e assinalamos mais de uma centena de sítios pré-históricos, situados em abrigos sob-rocha e lugares abertos. Foram escavados dois cemitérios indígenas : o Sítio Justino, na margem sergipana, e o Sítio São José, em Alagoas. Essas necrópoles forneceram o maior conjunto esquelético pré-histórico coletado, até agora, no semi-árido nordestino e o seu estudo permitirá, no futuro, que se conheçam aspectos múltiplos relativos às populações que habitaram o NE do Brasil na pré-história.

Na difícil técnica de levantamento de esqueletos, a equipe recebeu treinamento prévio da Dra. Evelynne Peyre, do Musée de l'Homme, Paris. Essa pesquisadora, com longa experiência em antropologia física com o paleontólogo Yves Coppens, comprometeu-se a estudar os esqueletos das duas necrópoles além de treinar pesquisadores brasileiros.

* Universidade Federal de Sergipe.

Ao encerrar-se os trabalhos de campo, após a abertura das comportas de Xingó, iniciar-se-ia um longo período de trabalhos no laboratório, para o estudo das coleções líticas e cerâmicas, além de ósseas e de outros restos orgânicos, produto das escavações e das coletas sistemáticas de superfície.

Além disso, o número de registros rupestres levantados, permitiriam identificar-se as tradições e sub-tradições rupestres dos grupos étnicos que povoaram o vale do São Francisco. Estava previsto, na continuação do projeto, aplicar-se metodologia estabelecida pela Dra. Anne Marié Pessis para o estudo dos registros rupestres, o qual se apoia em análises técnico-estilísticos que evitem a descrição subjetiva e inútil do registro gráfico.

Inesperadamente, sem uma explicação e nenhum respeito pelo meu trabalho de cinco anos, o Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe, decidiu mudar não somente a coordenação mas também toda a equipe de consultores científicos além da metodologia a ser empregada nas análises e estudo dos materiais coletados. No momento em estou sendo alijada do projeto Xingó, sem o menor comportamento ético em relação ao meu trabalho, temo pelo destino das coleções arqueológicas, conseguidas ao longo desses anos de dedicação exclusiva na área de Xingó, onde estive longe da minha casa e da minha família. Estou, pois, perfeitamente habilitada, moral e cientificamente, a fornecer aos arqueólogos brasileiros, informações dos últimos e mais importantes dados obtidos no Projeto Arqueológico de Xingó, especialmente os referentes ao Sítio Justino, escavado exaustivamente até os últimos dias que precederam à inundação da área.

O Sítio Justino foi localizado em 1990 na fazenda Cabeça de Nego, no Município de Canindé do São Francisco, em Sergipe. Estava situado na confluência do riacho Curitiba com rio São Francisco, num terraço aluvional constituído de areias, seixos, siltes e argilas. O sítio arqueológico ocupava uma área de aproximadamente 1500 metros quadrados. No decorrer da escavação e até o seu encerramento definitivo, foram retirados 161 esqueletos, pertencentes a indivíduos masculinos, femininos e crianças que, nas 40 fases de decapagem em que a escavação foi dividida, apresentaram diversos tipos de rituais funerários, em enterramentos primários e secundários, indicando uma longa seqüência de ocupação do sítio, além de possíveis diferenças de ritualização funerária, caracterizando hierarquia, idade e sexo. Entre os rituais mais comuns detectamos fogueiras acesas

perto ou por cima do cadáver, porem não num ritual de incineração mas, aparentemente, formando parte da cerimônia fúnebre. A abundância de material lítico e cerâmica fragmentada nos faz pesar que o Sítio Justino foi também utilizado como lugar de habitação em algumas fases da sua ocupação.

O Sítio do Justino deve ter ocupado uma área muito maior daquela que nos foi possível delimitar, pois as continuas enchentes do rio destruíram parte do cemitério já em tempos pretéritos. Esse fato podemos constatar, inclusive, durante as escavações, quando sofremos várias inundações no sítio. O cemitério foi ocupado por grupos ceramistas durante a maior parte da sua existência, mas as primeiras ocupações correspondem a grupos humanos sem cerâmica. A seqüência cronológica obtida por Carbono-14, a partir do carvão vegetal das fogueiras, demonstra a longa ocupação do sítio a partir de aproximadamente 9000 anos antes do presente.¹

Datações de Carbono-14 obtidas no Sítio Justino, anos BP.

Fases da decapagem por camadas naturais:

3 =	1280
6 =	1780
8 =	2500
10 =	2600
13 =	3280
20 =	4380
30 =	5570
40 =	8950

A cerâmica estava presente até a camada 20 datada de 4480 anos BP. As duas últimas camadas datadas (30 e 40) não apresentaram cerâmica. Debaixo da camada datada de 8950 anos, continuavam as ocupações ate uma profundidade de 6,40 metros com presença de enterramentos associados a material lítico.

As cerâmicas do Sítio Justino apresentam grande variedade de decoração plástica na superfície, tais como o unglado, o escovado, o corrugado, impressão com carimbos e pintura externa nas fases mais recentes. Pelas datações obtidas no Sítio Justino, o estabelecimento de

¹ As datações foram processadas nos laboratórios do Instituto de Radiocarbono da Universidade de Lyon, Instituto de Geociências da UFBA e Beta Analytic, Miami (USA).

populações ceramistas no médio-baixo São Francisco podem-se situar já no quarto milênio antes do presente o que significa a presença de agricultores-ceramistas no sertão do São Francisco, muito antes das ocupações Aratu ou Tupiguarani.

Considero importante que fique registrado que os resultados imediatos do Projeto Arqueológico de Xingó, durante o tempo que esteve sob a minha responsabilidade, forneceram uma bagagem de dados para o conhecimento da pré-história do Nordeste. Nenhuma intriga poderá tirar-me esse mérito.

Referências bibliográficas

- VERGNE, Cleonice; Amâncio, Suely. (1992). A necrópole pré-histórica do Justino. Xingó, Sergipe: nota prévia. **CLIO - Série Arqueológica**, v. 1, n° 8, p. 171-182, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- MARTIN, Gabriela; AGUIAR, Alice. (1984). Projeto Itaparica de Salvamento Arqueológico. Nota Prévia. **CLIO - Série Arqueológica**, v.1 ,n° 6, p. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.